



## A Ordem das Palavras e a Construção de Sentidos em A Cartomante

### Word Order and the Construction of Meaning in A Cartomante

Rodrigo Pires da Silva

**Resumo:** O presente estudo investiga a relação intrínseca entre a estrutura sintática e os efeitos de sentido na prosa literária, com enfoque específico no conto “A Cartomante”, de Machado de Assis. O estudo da gramática é convencionalmente dividido em três partes: fonética, morfologia e sintaxe. Compreender tais estruturas da língua portuguesa revela-se uma etapa fundamental para a efetivação da comunicação e para a análise literária aprofundada. O trabalho analisa a tensão existente entre os aspectos gramaticais normativos, que possuem natureza objetiva, e os aspectos atrelados às escolhas pessoais do autor, de natureza eminentemente subjetiva. Desse modo, a pesquisa propõe observar a sistematização dos enunciados mediante análise sintática, focando na ordenação das palavras e nos desdobramentos semânticos obtidos por essas estruturas. Conclui-se que o conhecimento da norma-padrão é o pilar da construção textual e que as subversões e repetições estilísticas empregadas pelo autor operam como mecanismos ativos de provocação estética e progressão dramática.

**Palavras-chave:** sintaxe; ordem das palavras; Machado de Assis; estilística.

**Abstract:** This study investigates the intrinsic relationship between syntactic structure and meaning effects in literary prose, with a specific focus on Machado de Assis's short story “A Cartomante.” The study of grammar is conventionally divided into three parts: phonetics, morphology, and syntax. Understanding these structures of the Portuguese language proves to be a fundamental step for effective communication and for in-depth literary analysis. The paper examines the tension between normative grammatical aspects, which are objective in nature, and those tied to the author's personal choices, which are predominantly subjective. Thus, the research proposes to observe the systematization of utterances through syntactic analysis, focusing on word order and the semantic developments derived from these structures. It concludes that knowledge of the standard norm is the cornerstone of textual construction, while the stylistic subversions and repetitions employed by the author function as active mechanisms of aesthetic provocation and dramatic progression.

**Keywords:** syntax; word order; Machado de Assis; stylistics.

## INTRODUÇÃO

A linguagem humana opera como um sistema complexo onde regras rígidas e expressões individuais coexistem em constante negociação. Para compreender essa dinâmica, parte-se do pressuposto de que o estudo da gramática é estruturalmente dividido em três partes essenciais: fonética, morfologia e sintaxe. Conhecer essas estruturas fundantes da língua portuguesa é um requisito fundamental não apenas para uma comunicação efetiva, mas também para a correta decodificação de mensagens mais sofisticadas, como as encontradas na literatura.

No ambiente da prosa literária, a pesquisa linguística torna-se especialmente sensível e instigante devido à tensão latente entre os elementos objetivos e subjetivos que compõem o texto. Por um lado, os aspectos gramaticais e normativos impõem uma natureza objetiva, regendo as concordâncias, regências e as posições canônicas dos termos na oração; por outro, os aspectos pessoais do escritor – convencionalmente chamados de estilo – inserem uma força de natureza subjetiva na malha discursiva. Essa dualidade evidencia que escrever não é apenas preencher moldes sintáticos, mas sim realizar um ato de criação, onde o pensar e o escrever exigem que se transponha uma lacuna para garantir a coerência entre as ideias concebidas e a sua respectiva expressão textual.

Desse modo, o presente trabalho propõe investigar a sistematização dos textos em prosa mediante uma rigorosa análise sintática, observando atentamente a ordenação das palavras e os múltiplos efeitos de sentido obtidos por meio de tais estruturas e escolhas autorais. A colocação das palavras em um enunciado pressupõe um profundo conhecimento da norma-padrão, que atua como o pilar estrutural da construção textual. A partir do domínio desse pilar normativo, o autor tem a liberdade de manipular a posição dos vocábulos. Como a ordem das palavras acompanha, em certa medida, a ordem das ideias do sujeito que as articula, as escolhas sintáticas nunca são aleatórias. Isso quer dizer que o escritor se vale, de forma consciente e intencional, de mecanismos específicos da língua para provocar o leitor, criando uma sequência de imagens com o intuito primordial de produzir algum tipo de sentimento ou impacto cognitivo.

Diante dessa arquitetura textual, resta ao leitor o desafio de identificar o modo de narração dos fatos mediante uma análise textual aprofundada, com a intenção deliberada de observar minuciosamente o processo artesanal de dispor as palavras no papel. A proposta desta investigação contribuirá de maneira significativa para o desenvolvimento dessa percepção gramatical aguda, necessária à análise interna do texto, cujo benefício direto revela-se no desenvolvimento de habilidades investigativas por parte dos leitores e pesquisadores da linguagem. A obra que servirá de corpus e bússola para esta verificação prática é o célebre conto “A Cartomante”, de Joaquim Maria Machado de Assis. O estilo machadiano pode ser assimilado, de modo cristalino, mediante a averiguação constante da relação entre o padrão gramatical imposto e a variação estética escolhida. No percurso metodológico, o enredo do conto será apresentado de forma enxuta para fins estritos de análise, selecionando-se excertos que destaquem com precisão o estilo do autor e comprovem as hipóteses levantadas conforme os princípios gerais da língua, que auxiliam na captação das nuances e minúcias do texto literário. Para estruturar essa progressão analítica, o trabalho divide-se metodologicamente em três capítulos fundamentais.

O primeiro capítulo aborda a Fundamentação Teórica e se estrutura a partir das contribuições do linguista Mattoso Câmara (1976), com o fito de responder ao problema da pesquisa, demonstrando e justificando a importância basilar da análise gramatical conjugada com a relação entre a ordem das ideias e o encadeamento sintático. Na sequência, a investigação metodológica consolidará os critérios do

corpus. Por fim, o terceiro capítulo, intitulado Análises e Discussão, reúne o conteúdo para a investigação direta do conto, valendo-se de teóricos renomados que tratam da ordem das palavras e seus inegáveis efeitos de sentido na prosa.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para compreender como a estrutura de um texto literário é capaz de gerar múltiplos efeitos de sentido, faz-se necessário um debruçar rigoroso sobre os mecanismos gramaticais que regem a língua. A presente seção fundamenta-se na premissa de que a ordem das palavras transcende a mera organização sintática, operando como um reflexo direto da intencionalidade do autor.

### A Gramática e a Criação Textual

A produção textual é um assunto de extrema complexidade, pois envolve o escritor, com toda a sua carga de personalidade e vivência, e o instrumento linguístico formal pelo qual ele se servirá para exprimir suas ideias. Há, inerentemente, uma lacuna profunda entre o pensar e o escrever que precisa ser transposta, de modo a garantir a coerência entre as ideias concebidas no intelecto e a sua respectiva expressão textual no papel. O pensamento, por mais abstrato e livre que seja, deve enquadrar-se conforme as regras gramaticais da língua portuguesa, pois é a própria gramática quem auxilia na ordenação de nossa imaginação. A escolha vocabular e a combinação das palavras estão intimamente envolvidas com o sujeito que escreve. É ao colocar ordem nas palavras que o escritor permite ao leitor extrair, a partir da materialidade do texto, os elementos que o conduzirão para uma interpretação assertiva e profunda. A complexidade envolvida no ato de escrever e reescrever é uma realidade inegável do labor literário. João Cabral de Melo Neto, em seu célebre poema “Catar feijão”, reflete de maneira elucidativa sobre o próprio ato de escrever, comparando a rudeza da pedra que se encontra no meio dos grãos à resistência das palavras na construção da frase. O poeta afirma que “a pedra dá à frase seu grão mais vivo: obstrui a leitura fluviante, flutua, açula a atenção, isca-a com risco”. Essa metáfora ilustra perfeitamente como os obstáculos sintáticos e as escolhas vocabulares menos óbvias – as “pedras” no texto – são essenciais para despertar a atenção do leitor e construir uma estética literária de alto impacto.

### Ordem das Palavras e o Caráter Analítico da Língua Portuguesa

Nos estudos dos processos sintáticos, a colocação ou a ordem das palavras integra a parte da Sintaxe e, nesse sentido, caminham lado a lado com os princípios da regência e da concordância. O gramático Evanildo Bechara postula que a Sintaxe de colocação ou de ordem “é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período”. As razões que norteiam a disposição das palavras são próprias do sistema linguístico de cada idioma. Quando se lida com o conceito de Língua, atribui-se uma carga histórica intrínseca à sua estrutura. Visto que as línguas românicas modernas (como é o caso do português) sistematizaram-

se através do latim, o contraste entre ambos os idiomas contribui para reforçar os estudos acerca da ordem dos vocábulos. O caráter sintético e desinencial do latim torna a ordem das palavras quase irrelevante para a compreensão do sentido básico, dadas as suas devidas proporções. Todavia, não se pode considerar irrelevante essa ordem em se tratando de uma língua analítica como a língua portuguesa, na qual, geralmente, identifica-se primordialmente a função sintática por meio da disposição dos termos da oração. A pesquisa sobre a ordem das palavras implica, portanto, meditar sobre como a inteligibilidade da mensagem depende visceralmente do encadeamento dos termos na oração. Essa percepção ganha ainda mais força quando resgatamos a tese de doutorado do filólogo francês Henri Weil, defendida em 1844, que versava exatamente sobre a ordem das palavras. Weil observou de forma pioneira que há na proposição dois movimentos diferentes e complementares: um movimento objetivo e um movimento subjetivo. Para Henri Weil, a “sintaxe se refere às coisas, ao exterior; a sucessão das palavras se refere ao sujeito que fala, ao espírito do homem”. Em outras palavras, enquanto o movimento objetivo é expresso pelas inflexíveis relações sintáticas (sujeito, verbo, complementos), o movimento subjetivo é expresso ativamente pela ordem em que essas palavras são colocadas, refletindo a emoção, o foco e a intenção de quem enuncia.

## Dos Termos da Oração e a Estilística

Para que a análise do movimento subjetivo proposto por Weil seja efetiva, é imperativo o domínio da classificação canônica dos constituintes frasais. Sempre que uma oração apresenta sentido incompleto, é obrigatória a aplicação de termos integrantes. Por outro lado, existem termos acessórios, que têm função meramente informativa e podem ser suprimidos sem comprometer a integridade gramatical do enunciado. São eles, segundo Almeida (2024): adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto. Um ponto que frequentemente gera confusão na análise sintática é a distinção entre um complemento nominal e um adjunto adnominal. Essa diferença pode ser compreendida a partir do papel de dependência que cada termo exerce: o primeiro é integrante – ou seja, indispensável estruturalmente –, enquanto o segundo é acessório e, portanto, pode ser retirado ou deslocado sem alterar significativamente o sentido central da oração. Por fim, a ordem dos termos na oração é a base fundamental para determinar não apenas a relação sintática de cada palavra no enunciado, mas também para balizar o estilo de um autor. Na prosa literária de Machado de Assis, as subversões da ordem direta (sujeito-verbo-complemento) e os deslocamentos de termos acessórios não são acidentes gramaticais, mas sim a manifestação plena do “movimento subjetivo” de que falava Weil, convertendo a sintaxe em uma ferramenta de construção psicológica e de progressão dramática.

## PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A metodologia adotada nesta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa e descritiva, com enfoque em análise documental e estilística.

O rigor metodológico é indispensável para que a percepção intuitiva dos efeitos literários seja comprovada por meio do arcabouço da ciência linguística.

## Corpus da Pesquisa

O corpus delimitado para a presente investigação é o conto “A Cartomante”, de autoria de Joaquim Maria Machado de Assis, originalmente publicado na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, em 1884, e posteriormente compilado no livro *Várias Histórias* (1896). A escolha deste texto justifica-se, primordialmente, pela maturidade estilística que o autor já apresentava nesse período de sua produção (fase realista), caracterizada por um refinamento sintático agudo, contenção vocabular e profunda exploração psicológica dos personagens. Na prosa machadiana dessa fase, a arquitetura das orações atua como um espelho das ambiguidades morais e das tensões subjacentes à trama, tornando o conto um objeto ideal para a observação da ordem das palavras e da construção de sentidos.

## Crítérios de Seleção e Análise dos Excertos

Para que a investigação mantivesse o foco e a profundidade analítica, estabeleceu-se um procedimento de leitura atenta e seletiva. Os trechos de “A Cartomante” foram extraídos buscando mapear ocorrências em que a sintaxe tradicional sofre intervenções intencionais — sejam elas quebras de expectativa, subversões da ordem direta (sujeito-verbo-complemento), repetições enfáticas de termos acessórios ou uso peculiar de classes gramaticais. Tais trechos foram selecionados por sua expressiva representatividade, respeitando-se sempre a integridade do enredo e a unidade narrativa do conto.

Os excertos selecionados são, então, submetidos a uma análise linguística bidirecional. Em um primeiro momento, a análise utiliza como base a gramática normativa (sustentada por autores como Evanildo Bechara e Napoleão Mendes de Almeida) para a identificação fria e estrutural das orações (reconhecimento de sujeito, predicado, verbos e complementos). Em um segundo momento, a pesquisa busca o respaldo da abordagem funcional e descritiva — fundamentada notadamente nos estudos de Maria Helena de Moura Neves (2011, 2018, 2023) — para a compreensão pragmática do uso dessas estruturas e dos sentidos subjetivos e dramáticos produzidos no ecossistema do texto literário.

## ANÁLISES E DISCUSSÃO

Neste capítulo, a fundamentação teórica é aplicada à materialidade do texto literário. Observa-se como Machado de Assis manipula a matéria linguística para conduzir o estado emocional do leitor e antecipar, subliminarmente, os desdobramentos da narrativa.

## O Enredo de “A Cartomante”

Para fins de contextualização da análise sintática que se seguirá, faz-se necessário um breve resgate do enredo. O conto narra a história de um triângulo amoroso formado por Vilela (um advogado pragmático e respeitável), Rita (sua esposa, caracterizada pela ingenuidade e superstição) e Camilo (amigo de infância de Vilela, que acaba se tornando amante de Rita). Assombrada pelo medo de que o marido descubra a traição, Rita recorre constantemente a uma cartomante para obter garantias sobre o futuro amoroso. Camilo, inicialmente cético e racional, passa a receber cartas anônimas que denunciam o caso, o que o lança em um estado de profunda paranoia e desespero.

O ápice da narrativa ocorre quando Camilo recebe um bilhete urgente de Vilela, chamando-o à sua casa. Aterrorizado e temendo o pior, Camilo, em um momento de fraqueza e abandono de sua antiga racionalidade, decide consultar a mesma cartomante antes de encontrar o amigo. A vidente o tranquiliza, afirmando que nada de mal lhe acontecerá e que o amor de Rita está garantido. Aliviado e cego por essa falsa esperança, Camilo dirige-se à casa de Vilela, onde encontra Rita assassinada e, logo em seguida, é morto a tiros pelo amigo traído. A ironia trágica, marca indelével de Machado de Assis, consolida-se na falsa segurança que precede a fatalidade.

## A Gramática Machadiana Cheia de Sentidos

A genialidade de Machado de Assis reside em não apenas narrar o drama, mas em imprimi-lo na própria estrutura frasal. A ordem das palavras e as escolhas lexicais funcionam como indícios psicológicos.

Um primeiro aspecto a ser notado diz respeito à seleção e ao uso de verbos de estado para caracterizar a paralisia e a tensão psicológica das personagens. Considerando as três classes principais de verbos que contribuem para a construção de predicação – verbos de ação ou atividade, verbos de processo e verbos de estado (Neves, 2018, p. 153) –, Machado opta frequentemente por utilizar o verbo “ficar” com um forte significado de estado permanente nos momentos de clímax interno. A escolha do verbo de estado fixa o personagem em uma condição estática de terror ou dúvida, podendo-se constatar que, semanticamente, o verbo carrega o peso de “permaneceu”, “se tornou” ou “continuou”, imobilizando a ação narrativa para expandir a aflição psicológica.

Outro recurso de altíssimo impacto estilístico na obra é a repetição intencional de termos, que subverte a economia vocabular para gerar ênfase e urgência. Observe-se o seguinte excerto que marca a virada trágica da história: “No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: “Vem já, já,” (Assis, 2019, p. 324).

Sob a ótica da sintaxe normativa, o advérbio de tempo “já” exerce a função de adjunto adverbial, modificando o verbo imperativo “Vem”. Sendo um termo acessório, sua presença única seria suficiente para transmitir a informação temporal de imediatismo. Contudo, Machado de Assis vale-se da repetição sequencial

(“já, já”). A duplicação do adjunto adverbial não adiciona uma nova informação objetiva, mas altera drasticamente o movimento subjetivo da oração (conforme os preceitos de Henri Weil). Cria-se um efeito rítmico de extrema pressa, de respiração ofegante, uma urgência imperativa que contamina Camilo com pavor e deságua inexoravelmente no desfecho trágico do conto.

A manipulação da extensão do tempo também é construída sintaticamente no conto por meio de adjuntos e adjetivos empilhados, como se verifica no momento em que Camilo, a caminho do fatídico encontro, tenta encontrar consolo na paisagem externa: “Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável” (Assis, 2019, p. 324-325).

Nesta passagem, a progressão sintática acompanha o alongamento visual e psicológico do personagem. A sequência de adjetivos “longo, longo, interminável” (exercendo função de predicativos ou adjuntos do substantivo “futuro”) quebra a fluidez natural da oração. A repetição do termo “longo” seguida de “interminável” não é uma redundância pobre, mas um refinado recurso estilístico que alonga o tempo de leitura da própria frase, simulando no leitor a mesma sensação de suspensão e vastidão experimentada por Camilo instantes antes da morte.

Além da repetição e do uso estratégico dos verbos de estado, o estilo machadiano notabiliza-se pelo uso da inversão sintática (hipérbato) como mecanismo de subordinação da personagem ao destino. No português, a ordem direta (sujeito – verbo – complementos) confere ao sujeito a agência primária da ação. Machado, contudo, altera frequentemente esta ordem para retirar o controle das mãos das suas personagens. Retomemos o início do excerto: (08) No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela [...] (Assis, 2019, p. 324).

A estrutura canônica ditaria: “Camilo recebeu este bilhete de Vilela”. Ao optar por colocar o verbo (“recebeu”) antes do sujeito (“Camilo”), a sintaxe projeta uma passividade na personagem. A ação impõe-se a Camilo antes mesmo que ele, enquanto sujeito gramatical, surja na oração. Esta quebra da expectativa sintática corrobora a tese de que, no conto, Camilo é uma vítima das circunstâncias e da sua própria cegueira, arrastado por uma força trágica que o precede e o engole, evidenciando o “movimento subjetivo” proposto por Weil (2015). Outro elemento gramatical manipulado magistralmente na construção de sentidos é a coordenação assindética. A ausência propositada de conjunções (e, mas, logo) em sequências de ações cria um ritmo narrativo ofegante, espelhando a taquicardia e a desorientação da personagem. Quando Camilo se aproxima da casa do amigo, o texto acelera: a subordinação (que exige raciocínio e subordinação lógica de ideias) cede lugar à coordenação nua e crua. Os factos amontoam-se, assim como os medos na mente da personagem, culminando num desfecho onde a pontuação (o ponto final abrupto) imita a fatalidade dos tiros. A sintaxe de A Cartomante, portanto, não se limita a relatar uma traição; ela constrói a atmosfera do terror psicológico. A gramática, que à primeira vista poderia ser encarada como uma “pedra” que obstrui a leitura — lembrando a metáfora de João Cabral de Melo Neto (2020) —, converte-se no “grão mais vivo” da obra. O domínio da norma-padrão por Machado de Assis não

o aprisiona; pelo contrário, fornece-lhe as ferramentas necessárias para quebrar a ordem lógica quando a psique humana exige o caos, provando que a literatura de excelência nasce da fricção constante entre a regra estrutural e a liberdade criativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo propôs-se a investigar a ordem das palavras e os seus impactos na construção dos sentidos no conto *A Cartomante*, de Machado de Assis, partindo da premissa de que a gramática transcende o seu caráter puramente normativo para se assumir como um instrumento fulcral de expressão estilística e psicológica. Ao longo da fundamentação teórica, confirmou-se, à luz de autores como Henri Weil e Evanildo Bechara, que a língua portuguesa possui uma dupla dimensão na estruturação dos seus enunciados: um movimento objetivo, regido pelas inflexíveis relações sintáticas, e um movimento subjetivo, ditado pela ordenação dos vocábulos e pelo ímpeto do emissor. Constatou-se que a distância entre o pensar e o escrever exige do autor não apenas criatividade, mas um domínio profundo das estruturas da língua, transformando a palavra em um veículo capaz de traduzir as inquietações mais íntimas da alma humana. Na análise do corpus, o texto machadiano revelou-se um terreno fértil para a comprovação desta tese. O mapeamento sintático evidenciou que as escolhas de Machado de Assis nunca são aleatórias ou meramente decorativas. A preferência por verbos de estado em momentos de clímax, a repetição deliberada de adjuntos adverbiais (“já, já”) para insuflar urgência dramática, o prolongamento frásico através de adjetivação em cadeia (“longo, longo, interminável”) e as sucessivas inversões sintáticas operam, em uníssono, para antecipar a tragédia e desenhar o contorno psicológico das personagens. Camilo e Rita não são conduzidos ao abismo apenas pelos acontecimentos do enredo, mas pela própria respiração da estrutura frasal que os cerca. Conclui-se, destarte, que a análise sintática na literatura não deve ser vista como um exercício estéril de classificação de termos, mas sim como uma chave de leitura indispensável. Ao compreender como a colocação das palavras acompanha a ordem das ideias e fomenta a atmosfera narrativa, o leitor desenvolve uma percepção mais aguda, capaz de captar as intenções subjacentes do autor. O estilo de Machado de Assis perpetua-se precisamente nesta maestria: a de utilizar as regras gramaticais como se fossem as cordas de um instrumento, afinando a sintaxe para que ela produza, com exatidão milimétrica, a melodia trágica da condição humana.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina: curso único e completo**. Rio de Janeiro: CDB, 2024.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: CDB, 2024.

ARISTÓTELES. Poética. **Tradução, textos complementares e notas Edson Bini**. São Paulo: Edipro, 2011.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. A Cartomante. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Contos essenciais**. Seleção e apresentação Jean Pierre Chauvin. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. 26. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MELO NETO, João Cabral de. Catar feijão. In: MELO NETO, João Cabral de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2020.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

WEIL, Henri. **A ordem das palavras nas línguas antigas comparadas com as línguas modernas**. Tradução e organização de Eduardo Guimarães e Mônica Zoppi-Fontana. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.